



A interdisciplina Encontro de Saberes/UFRGS como proposta investigativa-metodológica

*Marília Raquel Alborno Stein,
Ana Lucia Liberato Tettamanzy,
Rumi Regina Kubo
Luciana Prass*

Resumo: A disciplina Encontro de Saberes surge na Universidade de Brasília em 2010 na esteira dos debates em torno da inclusão da população afrodescendente e indígena na educação superior e do desenvolvimento de políticas públicas para as culturas populares. Propõe a docência compartilhada entre professores das universidades e Mestres dos Saberes Tradicionais e Populares pertencentes às matrizes indígenas e afro-brasileiras através de experiências interepistêmicas que não separam teoria e metodologia, reflexão e intervenção. Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul é oferecida semestralmente desde 2016/2, já envolveu mais de 275 alunos, docentes de várias unidades e cerca de 20 Mestres e Mestras em exercícios interdisciplinares de observação e análise, trabalhos de campo, registros, práticas, improvisações, intervenções e pesquisa teórica. A partir de trabalhos de alunos e de sala de aula, ressignificamos a proposição de Boaventura de Sousa Santos (2002) de que as experiências sociais produzem conhecimento. Reconhecemos nos Mestres os saberes afro-pindorâmicos definidos pelo intelectual quilombola Antônio Bispo dos Santos (2015) a partir da territorialidade.

Abrindo os caminhos

Consideramos Encontro de Saberes uma noção em constituição, a qual associamos à ideia de interculturalidade, por envolver – muito além da simples relação entre culturas – processos e projetos tanto políticos como epistemológicos (WALSH, 2005, p. 39).

As formas como nos apresentamos, miramos e escutamos o outro, fazem parte não só da constituição de nossa subjetividade e da alteridade, como se interligam a movimentos geopolíticos e de produção e legitimação de conhecimento, que por sua vez precisamos compreender em um espectro mais amplo de relações de poder-saber coloniais e decoloniais. Ao questionarmos cartografias acadêmicas estabelecidas, que invisibilizam a produção intelectual latino-americana e em especial dos povos originários e afrodescendentes (WALSH, 2005, p. 41), busca-se no encontro de saberes a explicitação de posições, preconceitos e projetos, a abertura de espaços de memória, afirmação e negociação de territórios simbólicos e físicos, cosmologias, filosofias, astronomias e geografias.

No âmbito científico, alguns métodos de pesquisa assumem o encontro de saberes como condição fundamental de se produzir conhecimento, como a etnografia e com a crescente radicalidade, áreas como a Antropologia Visual, a Antropologia da Performance e a Etnomusicologia vêm refletindo sobre as relações de poder envolvidas na produção de saber enquanto memória, informação, interpretação e intervenção, a partir da explicitação das assimetrias de poder, dos processos de legitimação de diferentes formas discursivas, das posicionalidades dos sujeitos envolvidos, das políticas de fazer ciência, etc. Nesta postura de vigilância epistêmica, a noção de encontro de saberes é central, pois traz o tema da interculturalidade para o cerne dos debates e das experiências não apenas investigativas, mas também produtivas, criativas e educativas. No caso do contexto educacional brasileiro, Vera Candau e Luiz Fernandes de Oliveira propõem conceitos e práticas advindas do referencial decolonial no contexto das educações étnico-raciais no Brasil. A ênfase nos postulados teóricos da pedagogia decolonial e da interculturalidade crítica de Catherine Walsh indicam “uma práxis baseada numa insurgência educativa propositiva – portanto, não somente denunciativa – em que o termo insurgir representa a criação e a construção de novas condições sociais, políticas, culturais e de pensamento” (OLIVEIRA; CANDAU, 2010, p. 28). Ainda com base nos projetos de insurgência de Walsh e nos termos da colonialidade do ser, “as disputas em torno da Lei 10.639/03 no campo educacional além de apresentarem caráter epistemológico e político, também se caracterizam como um “projeto de existência e de vida” (OLIVEIRA; CANDAU, 2010, p. 37)”. Olhando tal interculturalidade e remetendo aos lugares a partir de onde se compreende este processo – mais especificamente, do local (periféricos, subdesenvolvidos, em desenvolvimento, entre outros termos que remetem a uma relação entre culturas construída no seio do capitalismo) – no contexto latino-americano e brasileiro, não podemos nos furtar a remeter à noção de colonialidade (LANDER, 2005). E embalada(o)

s por estas posicionalidades, trazemos a complexificação dos significados da expressão “lugar de fala”, a partir da crítica feminista negra, Djamila Ribeiro, que aborda os controles estruturais que impedem certos grupos não só de falar, mas também de existir e acessar certos espaços com suas produções e epistemologias: “Pensamos lugar de fala como rejeitar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social” (RIBEIRO, 2017, p. 64). No momento, no Brasil e na América Latina, acreditamos que a ideia do encontro de saberes – ou de uma proposta de Encontro de Saberes – vem-se tornando um paradigma pedagógico-investigativo, em plena construção de significados e possibilidades. Vislumbramos, em especial, as universidades públicas brasileiras adquirindo novos patamares de compreensão de seu sentido através da experiência do projeto e da disciplina Encontro de Saberes.

O conceito surgiu na ação, como disciplina na Universidade de Brasília (UnB) sugerida de debates iniciados em 1999, na esteira de propostas e implementação de projetos de inclusão da população afrodescendente e indígena na educação superior, e como atendimento às demandas de mestres e mestradas tradicionais, nos anos posteriores, de desenvolvimento de políticas públicas para as culturas populares que garantissem, entre outras ações, sua inserção nos vários níveis de ensino (INCTI, 2015). A disciplina Encontro de Saberes propõe a docência compartilhada entre professores das universidades e Mestres dos Saberes Tradicionais e Populares pertencentes às matrizes indígenas e afro-brasileiras. Pretende compor um currículo baseado em práticas interepistêmicas e intersubjetivas nas artes, nas ciências humanas, naturais e sociais e problematizar as relações étnico-culturais e suas formas de manifestação constitutivas da estrutura universitária e da sociedade, em especial a brasileira (CARVALHO, 2010; INCTI, 2015; ENCONTRO DE SABERES, 2014; CARVALHO, 2010; 2016a; 2016b; 2018; INCTI, 2015).

Idealizada pelo professor da UnB, antropólogo e etnomusicólogo José Jorge de Carvalho, a proposta difundiu-se a partir da parceria com o Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa (INCTI)¹ e com Ministérios

¹ Conforme consta no site do Instituto (<http://www.inctinclusao.com.br/incti/historia>) o “INCTI instalou-se em 2009 na Universidade de Brasília, integrando o grupo de 126 projetos aprovados e financiados através do Programa dos Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia (INCTs). Este Programa foi criado pela Portaria nº 429, de 17 de julho de 2008, edital número 015/2008, publicado pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), por intermédio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)”...”INCTI representa, no plano histórico da pesquisa em Ciências Sociais e Humanidades no Brasil, a consolidação de uma rede de pesquisadores, antes dispersa por todo o país, que por mais de uma década vem realizando pesquisas e produzindo conhecimento sobre as políticas de ações afirmativas nas universidades brasileiras.”[...]” a própria fundamentação das propostas de cotas nas

e Agências do Poder Público Federal. O primeiro oferecimento da Encontro de Saberes ocorreu na UnB, em 2010. Atualmente várias Universidades Públicas no Brasil (UnB, UFMG, UFJF, UECE, UFPA, UFSB, UFCA, UFF e UFRGS) e no exterior (Pontifícia Universidad Javeriana/ Colômbia) desenvolvem propostas semelhantes, apostando em um modelo interdisciplinar e intercultural, que cruza as fronteiras dos campos do saber, enfatiza valores tradicionais e criações interepistêmicas, oportuniza diálogos e ações coletivas extensionistas.

No Folder impresso do Projeto Encontro de Saberes (2014) situam-se os avanços da proposta:

Quantos séculos de conhecimentos acumulados concentram os mestres e mestras das culturas tradicionais? É difícil mensurar as dimensões dessa ancestralidade. Mas o fato é que quando a quilombola Lucely Pio colhe uma planta medicinal “companheira” para produzir a cura; quando o mestre Biu Alexandre performa o Cavalo Marinho; quando os mestres Maniwa, Álvaro Tukano ou Benki Ashaninka revelam aspectos das filosofias e práticas indígenas – para citar apenas alguns nomes, dentre a imensa quantidade de exemplos que o nosso continente abriga – eles estão disponibilizando saberes profundos e complexos, que resistiram aos duros processos de colonização e, mais recentemente, à proposta capitalista de homogeneização do mundo. São esses saberes, com lógicas e caminhos metodológicos de produção, acumulação e transmissão próprios, que finalmente estão sendo integrados à universidade brasileira. (ENCONTRO DE SABERES, 2014, p. 5).

Já o documento-base digital de 2015 descreve o histórico e alguns de seus pressupostos metodológicos, como os que seguem:

(...) o projeto Encontro de Saberes é atravessado por alguns pressupostos fundamentais. Um deles é, por exemplo, a indissociabilidade entre teoria e meto-

diferentes universidades exigiu pesquisas empíricas, sistematização e interpretação de dados e a construção de teorias e modelos conceituais sobre ações afirmativas e inclusão em um universo acadêmico com uma configuração histórica e social singular quando comparado com o dos outros países mais conhecidos mundialmente por terem implementado políticas de ações afirmativas: Estados Unidos, África do Sul, Índia e Malásia. O INCTI veio justamente articular cientificamente esse tipo de questões (muitas delas surgidas durante o longo debate das cotas na UnB, instituição sede do Instituto) que circulam nas universidades brasileiras, tanto naquelas que já têm políticas de ações afirmativas quanto nas que ainda não as implementaram.”

dologia, bem como entre reflexão e intervenção. De natureza interdisciplinar e transdisciplinar, sua implementação também implica na existência concomitante de várias dimensões – a dimensão étnico-racial, a dimensão política, a pedagógica e a epistemológica – e o estabelecimento de uma relação sujeito-sujeito entre os vários intervenientes (Carvalho & Flórez, 2014a). (INCTI, 2015, p. 5).

O Encontro de Saberes na UFRGS

Com inspiração nesta proposta da UnB e identificada com o paradigma (trans)formativo que preconiza o Encontro de Saberes, foi criada na UFRGS em 2016 a disciplina ART 03946 – Encontro de Saberes². A mesma envolve a docência compartilhada entre mestres de saberes tradicionais e populares, indígenas e afro-brasileiros, e professores de diversos departamentos da universidade. A interdisciplina³ é oferecida semestralmente. São organizados três módulos de 12 a 16 horas/aula, cada um com um mestre/grupo de mestres. Há também encontros para discussões teórico-metodológicas, planejamentos e avaliações. A metodologia envolve exercícios de observação e análise, trabalhos de campo, registros, práticas, improvisações, performances, intervenções, mapeamentos e leituras de referenciais. O repertório consiste de matrizes ameríndias e africanas de uma configuração popular brasileira, conforme os seguintes temas, que têm sido abordados de forma complexa em cada um dos módulos: *Plantas e Espírito*, *Artes Aplicadas*, *Alimento e Cura* e *Sociedades e Cosmovisões*.

Os objetivos da interdisciplina são: promover a educação das relações étnico-raciais; propor modelos de diálogo interepistêmico e intercultural; propiciar modos prático-teóricos de ensino e aprendizagem; contribuir para a elaboração de currículos plurais em uma perspectiva inclusiva, não-dicotômica e crítica; promover a territorialidade dos saberes e fazeres.

Desde que iniciou, a interdisciplina Encontro de Saberes/UFRGS contou com a participação de diversos mestres, residentes na Grande Porto Alegre, em Pelotas e em

² Sobre a experiência da Encontro de Saberes na UFRGS ver também BRUM et al., 2018; ESPECIAL ENCONTRO DE SABERES, 2016; EWALD, 2017; NOGUEIRA, DOEBBER, STEIN, 2018; PRASS et al., 2016; KUBO, 2017; STEIN, 2016; TETTAMANZY, 2016; TV UFRGS, 2018).

³ Uma das formas de nos referirmos à atividade de ensino Encontro de Saberes é como “interdisciplina”, que remete à sua natureza oficial na UFRGS (disciplina) e simultaneamente reforça seu caráter interdisciplinar.

Florianópolis, os quais citamos a seguir: o Mestre cantor de samba Jorge Domingos e os músicos de sua banda, Geraldo das Neves, João Batista e André Domingos (Restinga, Porto Alegre, RS), a Mestre Kaingang Iracema Rã-Nga Nascimento e o Mestre Kaingang João Padilha (Morro Santana, Porto Alegre, RS), a Mestre Maria Eliane Rodrigues Espíndola (Associação Comunitária Amigos e Moradores do Bairro Cidade Baixa e Arredores – Mocambo, Porto Alegre, RS), o Mestre Guarani-Mbyá Maurício Messa de Oliveira (Terra Indígena Cantagalo – Tekoá Kaaguy Mirim, Viamão, RS), o Mestre sambista e carnavalesco Eugênio Silva de Alencar – Mestre Paraquedas (Porto Alegre, RS), a Mestre griô Sirley Amaro (Pelotas, RS), o Mestre músico e fotógrafo Guarani-Mbyá Vherá Poty Benites da Silva (Biguaçu, SC), os Mestres Antônio Matos e Leci Matos (Associação Comunitária do Campo da Tuca, Porto Alegre, RS), a Mestre griô Rosângela da Silva Ellias – Mestre Janja (Quilombo dos Alpes, Porto Alegre, RS), os Mestres Iara Deodoro e Paulo Romeu Deodoro (Espaço Cultural Afro-sul Odomodê, Porto Alegre, RS), o Mestre Guarani-Mbyá José Cirilo Morinico (Terra Indígena Guarani Anhetenguá, Lomba do Pinheiro, Porto Alegre, RS), a Mestre Rainha Ginga do Maçambique Francisca Dias – Mestre Preta (Osório, RS) e o Mestre de capoeira João Batista Cléber Teixeira Santos – Mestre Churrasco (Porto Alegre, RS).

Cerca de 275 estudantes de graduação e pós-graduação cursaram a disciplina entre 2016/2 e 2018/2, abrangendo inúmeros cursos da UFRGS, dentre os quais música, artes visuais, teatro, matemática, direito, relações internacionais, letras, história, museologia, ciências da saúde, jornalismo, psicologia, políticas públicas, ciências sociais, dança, filosofia, fisioterapia, história da arte, agronomia, geografia, educação física, biologia, ciências jurídicas, pedagogia e administração.

O grupo de professores que atuaram – muitos dos quais seguem atuando – na presente atividade de ensino reflete o diálogo interdisciplinar na sua composição: Álvaro Heidrich e Cláudia Luisa Zeferino Pires (Instituto de Geociências), Ana Lúcia Liberato Tettamanzy (Instituto de Letras), Carla Beatriz Meinerz (Faculdade de Educação – FACED), Celina Nunes Alcântara, Luciana Prass, Maria Elizabeth da Silva Lucas e Marília Raquel Albornoz Stein (Instituto de Artes – IA), Eráclito Pereira (Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação – Fabico), Ingrid Bergman Inchausti de Barros (Faculdade de Agronomia), José Carlos dos Anjos e José Otávio Catafesto de Souza (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH), Rumi Regina Kubo (Faculdade de Ciências Econômicas – FCE). Contamos ainda com a colaboração docente da pós-doutoranda Maria

Andrea Soares (IA) e dos pós-graduandos Pedro Acosta (IA), Julio Souto Salom (IFCH), Marco Antonio Saretta Poggia (IFCH), Paloma Palau Valderrama (IA) e Oscar Giovanni Martinez (IA).

Ancorada em uma dupla orientação, ético-estética, a disciplina Encontro de Saberes afirma a não segmentação dos domínios do fazer e do pensar, valorizando a corporeidade e a diversidade epistemológica através da aproximação de cientistas, pautados por saberes lógico-formais de matriz ocidental, com mestres-pesquisadores de culturas populares e tradicionais, protagonistas nas ações da proposta. Os mestres-pesquisadores atuam a partir de seu saber acumulado, em processos de transmissão oral e por múltiplas escrituras. Dominam saberes fundantes em cosmologias específicas, habilidades de confecção de formas artísticas, processos de profilaxia e cura, objetos e utensílios cotidianos e artísticos, complexas formas rituais e de celebração, além de serem Mestres de longa experiência em encontros, ações e formações interculturais.

Na Encontro de Saberes, os mestres-pesquisadores são responsáveis por narrar, formatizar e dialogar com discentes e docentes sobre as memórias de seus grupos/suas comunidades em diferentes dimensões de problematização da realidade, entre o local e o global, reconstruindo territorialidades e redes sociais e simbólicas de/a partir de seus coletivos no âmbito universitário, traçando linhas de suas trajetórias individuais dentro desta complexa rede e propondo experiências e metodologias formativas para os estudantes durante o semestre. Pela valorização de perspectivas epistêmicas resistentes, holísticas e não hegemônicas, colaboram para a construção de saberes acadêmicos atentos às relações sociais e étnico-raciais, à escuta, à interdisciplinaridade e à pluralidade cultural, possibilitando que a universidade cumpra, desta maneira, sua missão de produção e democratização do conhecimento remetendo ao enlace entre ensino-extensão-pesquisa e, ao mesmo tempo, atenda a diversas leis educacionais vigentes.

Sem negar as conquistas que a especialização do conhecimento propiciou, a proposta considera várias formas de conhecimento – a racional, a poética, a sensorial, a mítica. Por conta disso, trata-se de uma experiência que desafia a hierarquia dos saberes e que desloca a construção do conhecimento para distintos espaços e formatos. Entre características da Encontro de Saberes na UFRGS destacamos:

- a constante reflexão sobre **as formas e os critérios de avaliação**– diagnóstica, processual e final –, envolvendo a ênfase na investigação sócio-antropológica

(FREIRE, 1987), a produção performativa, o enfrentamento das contradições entre “produção da pessoa” e “produção de produtos e conceitos” e as fortes implicações extensionistas;

- a **temporalidade expandida** dos módulos, que demandam negociações e cuidados para a proposição de experiências de relevância para a ciência tradicional em pauta, que simultaneamente sejam convergentes com os (limites dos) tempos universitários;
- a **temporalidade duradoura** das relações entre Mestres, docentes e discentes⁴. Por um lado, muitos dos Mestres são ou foram parceiros dos docentes em projetos de pesquisa e extensão colaborativos/participativos, o que resultou em relações de confiança e trabalhos continuados por demandas sociais dos grupos a que os mestres representam. Por outro lado, a metodologia da interdisciplina e, em particular, suas estratégias avaliativas, envolvem a produção de processos e produtos sensíveis às demandas dos mestres e, neste sentido, desencadeiam muitas vezes ações continuadas para além do módulo de ensino. Como exemplos podemos citar a constituição da Rádio Web e as oficinas de prática de estúdio como ação extensionista na Associação Comunitária do Campo da Tuca; as ações patrimoniais no Quilombo dos Alpes; as atividades de plantio na Tekoá Ka'aguy Mirim, Terra Indígena Cantagalo, Viamão; a produção e difusão de materiais de divulgação dos modos de existência e da arte Kaingang; a confecção de um CD de músicas pelo grupo de mestre Jorge Domingos e Banda, entre outros.
- **ensino-aprendizagem direto** entre mestres e aprendizes e **integração mente e coração**, como preconizado por Carvalho (2016), ou seja a noção de que os mestres precisam estar em presença:

Uma retomada da integração entre saberes e entre intelecto e sentimento (mente e coração). O autor menciona a adequação de uma expressão japonesa, constituída pelo ideograma “Shin” [...], para definir esse processo, pois denota não apenas a compreensão cognitiva, senão também a conexão afetiva entre os sujeitos da construção do conhecimento – mestres e aprendizes.

⁴ Anthony Seeger reflete sobre a longa duração das relações entre sujeitos envolvidos em pesquisas etnomusicológicas, lançando luz sobre as perspectivas “êmicas” e “éticas” e vantagens e limites da pesquisa nesta temporalidade (SEEGGER, 2008).

A palavra representaria tanto a mente quanto o coração e poderia ser traduzida como “mente a mente”, ou “mente-corpo e também coração”. Carvalho explica o fundamento pedagógico que está em questão: “Minha mente sabe o que sua mente está pensando e meu coração sente o que seu coração está sentindo” (CARVALHO, 2016). A presença dos mestres é imprescindível, pois são eles que estão sentindo e pensando, falando com os alunos. Não pode alguém ficar no lugar deles. Trata-se de um conhecimento diferente do ocidental, que se poderia retransmitir fora de contexto. Trata-se de um “saber direto”. (STEIN, 2016, p. 28).

No âmbito administrativo, muitos desafios têm sido enfrentados, e as soluções encontradas ainda são provisórias. Neste momento estamos trabalhando pela inclusão dos mestres na estrutura administrativa-financeira da UFRGS, seja por reconhecimento de seu Notório Saber e correspondente titulação, seja por vínculos institucionais alternativos que os tornem visitantes legítimos nos quadros universitários e que permitam sua certificação e o pagamento por seu trabalho.

A legislação que fortalece a proposta do Encontro de Saberes

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais (2004), assim como o Plano Nacional para sua implementação, em vigor no Brasil, citam a importância do reconhecimento dos saberes construídos nas lutas dos movimentos comunitários e sociais. Destacam que o diálogo entre discentes e docentes da Educação Básica e Superior com as lideranças de comunidades negras, quilombolas, indígenas, povos ribeirinhos, comunidades de pescadores, comunidades de terreiro é educador e reeducador das relações entre todos os cidadãos do país.

Nilma Lino Gomes (2017) reafirma os conhecimentos próprios construídos nas lutas sociais, destacando as do movimento negro educador no Brasil e ressignificando a premissa de Boaventura de Sousa Santos (2002) de que as experiências sociais produzem conhecimentos. Entendemos que o reconhecimento institucional dessas ações na interdisciplina Encontro de Saberes se manifesta pluralmente por sua incorporação no currículo de diferentes cursos de graduação da UFRGS, tornando o conceito de extensão, na proposta pedagógica de cada curso, muito mais amplo, socializado e efetivo. Construir o projeto Encontro de Saberes e legitimar as práticas já consolidadas em sua trajetória na UFRGS tornou-se um importantíssimo elo de comunicação de princípios pedagógicos

e políticos dialógicos, educativos, interdisciplinares e emancipatórios entre seus participantes, para além dos saberes colonizadores e hegemônicos.

A disciplina, em seu caráter transdisciplinar, atende especialmente ao artigo 26a da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/1996, criado e modificado pelas leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, que instituíram a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena no currículo oficial da rede de ensino pública e privada no Brasil. As Diretrizes correlatas dessa legislação apontaram em 2004, através de Parecer de Conselho Nacional de Educação, para o componente da Educação das Relações Étnico-raciais como elemento fundamental na formação de todo o cidadão brasileiro, em consonância com acordos internacionais dos quais o Brasil é signatário – por exemplo, a III Conferência Mundial de Combate ao Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata, em Durban, África do Sul, em 2001. A função social da Universidade – em termos de formação através da pesquisa, do ensino e da extensão – não pode prescindir do cumprimento dessa legislação e, nesse sentido, a disciplina Encontro de Saberes parece ser, no âmbito da UFRGS, uma das propostas que mais se aproxima de um modelo de promoção, em formação inicial, da educação das relações étnico-raciais (ERER). Conforme Nogueira e Morosini (2017), a partir de análise de planos de ensino de cerca de 10.500 disciplinas dos 75 cursos de graduação da UFRGS, dentre as pesquisadas, somente 25 ministram conteúdos relacionados à ERER (NOGUEIRA; DOEBBER; STEIN, 2018). Essa perspectiva de campo formativo, que está vinculada também à proposição da educação para o diálogo intercultural, atende assim outra diretriz fundamental. O Relatório Mundial da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Cultura, a Ciência e a Educação) intitulado *Investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural*, publicado em 2009, oferece sólidos argumentos sobre a importância de investir na diversidade cultural como dimensão essencial do diálogo intercultural, na construção de estratégias para o desenvolvimento sustentável, na garantia do exercício das liberdades e dos direitos humanos.

Igualmente as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial e continuada em nível superior de profissionais do magistério para a Educação Básica, definidas pela Resolução CNE/CP nº 2, de 2015, reincidentem sobre a importância do trabalho coletivo e interdisciplinar na formação dos professores, justamente o que a disciplina Encontro de Saberes procura experimentar na construção que congrega distintos departamentos e professores, assim como mestres tradicionais.

A proposta possibilita a construção de subsídios para práticas pedagógicas na escola, na medida em que licenciandos e professores em atuação nas escolas têm oportunidade de vivenciar e perceber que saberes populares e acadêmicos se interconectam de diferentes e inúmeras formas, convergindo para importantes aspectos de uma formação intepistêmica. Esta aprendizagem-sensibilização intercultural poderá promover a ampliação, pelos professores da Educação Básica, de critérios de seleção e de modos de desenvolvimento de temas e conteúdos atuais nas escolas, no sentido da elaboração de currículos plurais em uma perspectiva inclusiva, não dicotômica e crítica. Esse esforço vem ao encontro das Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica, definidas pela Resolução nº 4 de 2010, que, em seu capítulo II, artigo 14, define educação como

conhecimentos, saberes e valores produzidos culturalmente, expressos nas políticas públicas e gerados nas instituições produtoras do conhecimento científico e tecnológico; no mundo do trabalho; no desenvolvimento das linguagens; nas atividades desportivas e corporais; na produção artística; nas formas diversas e exercício da cidadania; e nos movimentos sociais. (Resolução CNE/CEB nº 4/2010, Art. 14).

A execução da disciplina Encontro de Saberes atende também à meta proposta pela Câmara Interministerial de Educação e Cultura, criada em 2006 e regulamentada pela Portaria Normativa nº 1 de 04 de outubro de 2007, de incorporar os mestres de ofício e das artes tradicionais nos vários níveis de ensino (PRASS *et al.*, 2016, p. 7).

Ainda no contexto das políticas educacionais brasileiras, a presente disciplina vai ao encontro das diretrizes elencadas no documento que consolida as discussões sobre Extensão Universitária no âmbito do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX) para uma Política Nacional de Extensão Universitária (FORPROEX, 2012). Entre os eixos integradores das referidas diretrizes, “Território” e “Grupos Populacionais” se destinam a promover, em termos espaciais, a necessária articulação das ações extensionistas com as políticas públicas, como prevê a legislação brasileira. Em relação ao eixo “Território”, a Lei nº 10.861/2004, que institui o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES, parte da crítica de que

o território, em si mesmo, pode se constituir tanto em “matriz de reprodução de desigualdades sociais e de exclusão, vinculadas às condições precárias

de vida urbana e às dimensões qualitativas de pobreza urbana para um contingente expressivo da população”, quanto em espaço de “construção de representações sociais negativas (internas e externas)” (BRASIL, 2004, p. 54). (FORPROEX, 2012, p. 25).

Reagindo a estes sentidos conferidos ao território, ressalta o documento que a integração de intervenções públicas surge como estratégia excelente para contra-arrestar esses efeitos negativos do território, especialmente se orientadas pela diretriz de interdisciplinaridade e interprofissionalidade (FORPROEX, 2012, p. 25).

Saberes de encruzilhadas: quando o território gera encontros

Conforme entendemos e temos experimentado na disciplina Encontro de Saberes, o território implica tanto corpo quanto espírito e marca relações com seres e elementos que coexistem numa rede. Quando um mestre ou uma mestra adentra o espaço acadêmico, seus saberes e métodos, originados na vivência a partir de um lugar e de um modo de vida, encontram nos meios da transmissão oral e no exercício da memória as condições para o estar em presença. No semestre de 2018/2, o tema e as práticas dos territórios conduziram a experiências que permitiram elaborar e sistematizar efeitos epistêmicos e formativos da proposta desenvolvida pela interdisciplina.

A primeira mestra foi Iracema Rã-Nga Nascimento, do povo Kaingang e residente no Morro Santana, em Porto Alegre. Dona Iracema provocou forte empatia com o grupo ao narrar o mito de origem de seu povo, organizado em duas metades cosmológicas, *Kamë* e *Kajru*, assentadas em relação de oposição e complementaridade manifesta na composição dual do universo.⁵ Sentada no chão da sala de aula, a partir do formato das unhas – se redondo ou reto – indicava a cada participante seu pertencimento a uma metade. Envolveu ainda os ouvintes com a exposição de seu conhecimento sobre as plantas, que permite realizar partos e terapêuticas, e do aprendizado com os avós na mata e também com eventos associados ao domínio dos sonhos e da espiritualidade. Conduziu

⁵ A respeito das metades clônicas e seu ordenamento simbólico e social, bem como sobre a forma de “encorpar” conhecimentos a partir dos seres e dos territórios, examinar os artigos da publicação FAGUNDES, Luiz Fernando Caldas; FARIAS, João Maurício. (Orgs.). *Objetos-sujeitos: a arte kaingang como materialização de relações*. Porto Alegre: FUNAI/CR Passo Fundo/CTL Porto Alegre /Editora Deriva, 2011. Consultar ainda SILVA, Sérgio Baptista da. Dualismo e cosmologia *Kaingang*: o xamã e o dono da floresta. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 8, n. 18, p. 189-209, dez. 2002.

os estudantes numa caminhada na mata do entorno a seu local de moradia, onde identificou as espécies animais e vegetais que dão suporte para a medicina tradicional e a cura espiritual. Em visita à sua moradia, explicou como desenvolveram forma criativa e sustentável de utilizar o cipó na produção familiar do artesanato, que comercializam em distintos espaços na cidade.

A segunda mestra foi Francisca Dias, a Preta, Rainha Ginga do ritual do Maçambique da cidade de Osório, distante cerca de uma hora de Porto Alegre. Preta contou sua genealogia, em que o cotidiano familiar está entrelaçado às memórias coletivas da celebração que agrega a ancestralidade de matriz africana a elementos católicos, como o culto à Nossa Senhora do Rosário⁶. Os estudantes tiveram a oportunidade de realizar viagem de campo para participar de parte da festa do Maçambique inserida no calendário da cidade de Osório. Com o grupo de maçambiqueiros, acompanharam a visita à casa dos promesseiros (família que recebe com comida e bebida o grupo formado por dançantes, tamboreiros e a corte do rei e da rainha Ginga) e, ao final da tarde, acompanharam o deslocamento do cortejo pelas ruas centrais até a recepção pelo padre, que acolhe os festeiros na igreja matriz. Puderam ainda, momentos antes do cortejo, praticar um pouco a coreografia de alta intensidade aeróbica e os cantos responsoriais sob a condução dos integrantes do grupo, experimentando no corpo e nos sentidos os efeitos do ritual.

Por fim, a turma recebeu o Mestre Jean Batista Cléber Teixeira Santos, Mestre Churrasco, capoeirista de Porto Alegre. Desde o primeiro contato destacaram-se as capacidades performativas e imaginativas do Mestre, que se empenhou em relatar sua trajetória como pesquisador, praticante e professor da capoeira angola.⁷ Propiciou ao grupo vivências de canto e musicalização com o berimbau e o caxixi em rodas no espaço de sala de aula. Numa atividade de campo, conduziu o grupo para a experimentação da prática da capoeira no mato dentro do Campus do Vale/UFRGS. Nessa mesma ocasião,

⁶ No blog <https://macambiquesquicumbisensaiosdepromessa.wordpress.com/> são encontradas imagens, áudios e textos que remetem à obra PRASS, Luciana. *Maçambiques, Quicumbis e ensaios de promessa: musicalidades quilombolas do sul do Brasil*. Porto Alegre: Sulina, 2013. Trata-se de estudo etnomusicológico desenvolvido em três comunidades quilombolas gaúchas que articula as práticas performáticas a processos de afirmação de identidades e reivindicação de territórios.

⁷ Em sua fala, mestre Churrasco comenta a leitura da obra *Capoeira Angola: ensaio socio-etnográfico* (1968), de Waldeloir Rego, disponível em http://www.geocities.ws/capoeiranomade4/Capoeira_Angola_ensaio_socio-etnografico-Waldeloir_Rego.htm?fbclid=IwAR0o7XE663Vot7a9qELG_hjiwTh4JsB5FnSkp50G8nVrDYIQuwwRt-88gPo#cap07. Para conhecer mais a respeito do Mestre, indicamos o documentário *Angola POA: Mestre Churrasco*, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=eSiBDKi3fGo>.

aproximou os conhecimentos sobre o jogo com as pesquisas que realiza descobrindo na mata materiais para a confecção elaborada e inventiva de seus instrumentos.

O trabalho final produzido por Elincoln Lucas, aluno da disciplina, trouxe à luz uma interessante coincidência ocorrida nesse semestre em particular: no fanzine intitulado “As Lágrimas de Nossa Senhora”, que buscou atender à proposta avaliativa de envolver as contribuições dos três mestres, foi tomada como mote a referência às sementes que empregam as mestras e mestre em seus respectivos instrumentos. Na expressão de João Padilha, cacique Kaingang e companheiro de Dona Iracema, o “capim-missanga” serve para a confecção de adornos e ainda para proteção. Na imagem do zine, Dona Iracema insere as sementes no seu “xik-xi”, chocalho que usa para cantar para o mato e para alegrar os animais. Para Mestre Churrasco, o “capim de lágrimas de Nossa Senhora” providencia as sementes para o interior do caxixi, instrumento percussivo que acompanha as práticas da capoeira. A Mestra Preta encontra o “capim-rosário”, que servirá para ensinar os mais novos na produção das “maçacaias”, levadas nos tornozelos dos dançantes do Maçambique.

Nessa aproximação, as dimensões cosmológicas e políticas dos territórios mostraram o quanto corpos e pessoas são produzidos em seus saberes e fazeres num diálogo direto com a obra *Colonização, quilombos: modos e significações* (2015), de Antônio Bispo dos Santos, leitura indicada no semestre. Líder de comunidade quilombola no Piauí, foi ministrante da disciplina Encontro de Saberes na Universidade de Brasília em 2012 e, nos termos de José Jorge de Carvalho na apresentação do volume, trata-se de um intelectual insurgente da contra-colonização, cujo pensamento crítico e libertário não só expõe a formação de uma sociedade injusta e as históricas rebeliões e resistências, como “finalmente propõe um modelo alternativo de sociedade baseado na interação, comum aos quilombos, aos terreiros das religiões de matriz africana, à capoeira e outras expressões análogas dos povos tradicionais” (SANTOS, 2015, p. 14). Bispo entende que os povos originários do Brasil, que chama de pindorâmicos, assemelham-se aos africanos escravizados para cá trazidos, por isso cunha o termo afro-pindorâmicos. Seus valores socioculturais, pautados no que identifica como “paganismo politeísta”, opõem formas de organização circulares e/ou horizontais e pluralismos subjetivos e concretos às organizações verticais e/ou lineares do formato patriarcal e homogêneo do modelo cristão monoteísta. Situa no discurso bíblico a maldição sobre a terra e o trabalho, o que contrasta com a força vital que faz as pessoas afro-pindorâmicas interagirem com a natureza

buscando condições de vida (ou seja, a biointeração). Assim, a terra de uso comum origina “formas de resistência e de auto-organização comunitária contra colonial” (SANTOS, 2015, p. 49). Outra diferença impactante nessas cosmovisões diz respeito ao uso e ao acesso aos territórios. Os politeístas, guiados pela confluência, “lei que rege a relação de convivência entre os elementos da natureza e [que] nos ensina que nem tudo que se ajunta se mistura, ou seja, nada é igual”, diferem dos monoteístas, ordenados pela transfluência, “lei que rege as relações de transformação dos elementos da natureza e [que] nos ensina que nem tudo que se mistura se ajunta” (SANTOS, 2015, p. 89). Tal divergência explica os embates entre o modelo orgânico (realidade) e o sintético (aparência), com o propósito de superar “os processos expropriatórios do desenvolvimento colonizador e o caráter falacioso dos processos de sintetização e reciclagem do desenvolvimentismo (in) sustentável, pelo processo de reedição dos recursos naturais pela lógica da biointeração” (SANTOS, 2015, p. 100).

Dado o modo como Antônio Bispo explica a cosmovisão afro-pindorâmica, não parecem casualidades as semelhanças percebidas pelo estudante Elincoln entre a mestra Kaingang e os mestres de ancestralidade africana. Por serem intelectuais polímatos, articulam conhecimentos da natureza (onde encontrar a semente, suas propriedades físicas e acústicas) com práticas performáticas e musicais (em eventos da vida social e em situações de subsistência de modelo orgânico) e com expressões das cosmovisões (os instrumentos evocam conexões com o sagrado, seja o da mãe terra, seja o da ritualística afro-católica). Como efetiva conjugação da tríade pensar-sentir-fazer, os três guiaram o grupo da Universidade pelos seus territórios físicos e simbólicos (o Morro Santana, o mato, ruas, casas e igreja de Osório) em aprendizagens corporais e sensóreas, como a roda de capoeira, a dança junto aos maçambiqueiros, a escuta sensível dos cantos e da fala kaingang. Em todas essas situações, o uso comunitário e horizontal da terra em busca de condições de vida, ou seja, a biointeração, só foi possível pela condição dos mestres de portadores de saberes diretos, relacionais e não hegemônicos. Com isso, pensamos estar contribuindo para a construção de projetos pedagógicos insurgentes e contra-colonizadores.

Considerações finais

No percurso desse andar coletivo, polirrítmico, os participantes da interdisciplina Encontro de Saberes têm buscado compreender com os mestres formas de pensar e de

se situar no mundo, através de experiências pautadas na interculturalidade ou, citando interpretação da cosmologia afro-brasileira por José Carlos dos Anjos, desenvolvidas na “encruzilhada”, como ponto de encontro de diferentes caminhos que se fundem em uma unidade, mas mantêm sua pluralidade (2008, p. 80). A partir da presença dos mestres, os estudantes e docentes são instigados a in-corporar aprendizagens, redefinindo limites e potências de referenciais escritos e orais, sonoros, audiovisuais, olfativos, gustativos e táteis, performando a vida e o corpo como territórios. Como nos disse Mestra Maria Elaine Espíndola recentemente, “O lugar de onde falo tem marcas, tem uma memória, tem saudade. Quando digo ‘olá’, lembro da vó Alaíde, que ouviu de sua mãe e essa, de sua mãe.” Percebendo sonoridades como fundamentações cosmológicas, conforme reflexões dos mestres Guarani Mbyá Maurício Messa de Oliveira, José Cirilo Morinico e Vherá Poty Benites da Silva⁸, cantar e dançar correspondem a compreender os sentidos do *tape porã*, caminho sagrado bom e bonito, fortalecer relações constituintes da pessoa, de corpos em eterno devir, em constante encontrar-se com o território, com a luta, com outros devires. Nessa fronteira, nessa encruzilhada, nesse encontro, seguindo o projeto de descolonização como sistematizado por Walsh, será possível construir novas condições sociais de poder, saber e ser, de transformar relações, estruturas, instituições e conhecimentos? (WALSH, 2005, p. 49). Mestra Maria Elaine realizou na última aula uma experiência de esquecimento e de lembramento, de falar nomes e memórias em um grande círculo na área externa à sala de aula, acolhidos e interagindo com árvores, a grama, o barulho dos carros, sol e vento. Antes preparou metodologicamente os estudantes: “A roda é de suma importância para minha etnia, para todos se ouvirem e falarem, nenhum estando atrás do outro.” Numa aparentemente simples atividade de sala de aula, a mestra cruzou memória histórica, experiência individual e universo simbólico na produção de um saber – o seu, de mulher negra, de ativista do movimento social e cultural – que não cessa de se manifestar num território e em relações de poder – o movimento no espaço “controlado” da academia torna sensíveis no corpo os significados do racismo, do silêncio e do esquecimento.

⁸ Sobre o modo de existência, cosmologia, concepções territoriais e perspectivas interculturais Guarani, ver entre outras referências a exposição de fotografias de tekoá (aldeias) Guarani Mbyá realizada por comunidades Guarani do Rio de Janeiro no Museu da UFRGS, acessível em https://issuu.com/jornaldauniversidade/docs/ju_143_-_novembro_2011/14; o livro de fotografias, também apresentado em exposição itinerante, “Os Guarani Mbyá” (VHERÁ POTY; CHRISTIDIS, 2015); e o livro com CD sobre a Tekoá Koenjú, São Miguel das Missões (CATAFESTO DE SOUZA et al, 2008).

Referências

- III CONFERÊNCIA MUNDIAL DE COMBATE AO RACISMO, DISCRIMINAÇÃO RACIAL, XENOFOBIA E INTOLERÂNCIA CORRELATA. Durban, 2001. Disponível em http://www.unfpa.org.br/Arquivos/declaracao_durban.pdf. Acesso em: 15 abr.2019.
- ANGOLA POA: MESTRE CHURRASCO. Filmagem e edição Marco Antonio Saretta Pogia e Magnólia Dobrovolski. Porto Alegre: FUMPROARTE, 2015. 38'09". Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=eSiBDKi3fGo>.
- BRASIL. Lei nº 10.639/2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: set. 2014.
- BRASIL. Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004. Institui o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Lei/L10.861.htm. Acesso em: 21 abr. 2019.
- BRASIL. Lei nº 11.645/2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: set. 2014.
- BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm. Acesso em: 21 abr. 2019.
- BRASIL. Parecer CNE/CP n.º 3, de 10 de março de 2004. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/003.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2019.
- BRASIL. Portaria Interministerial nº 6, de 20 de agosto de 2015. Institui Grupo de Trabalho Interministerial para elaboração de proposta de novo acordo de cooperação técnica a ser firmado entre o Ministério da Educação – MEC e o Ministério da Cultura – MinC, para a continuidade e aprofundamento das ações intersetoriais de Cultura e Educação. Disponível em: http://www.in.gov.br/web/guest/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/32412452/do1-2015-08-21-portaria-interministerial-n-6-de-20-de-agosto-de-2015-32412363 . Acesso em: 15 abr. 2019.

BRASIL. Resolução CNE/CP n.º 1, de 17 de junho de 2004. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>. Acesso em 15 abr. 2019.

BRASIL. Resolução n.º 4, de 13 de julho de 2010. Define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6704-rceb004-10-1&category_slug=setembro-2010-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 15 abr.2019.

BRASIL. Resolução CNE/CP n.º 2, de 1º de junho de 2015. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/agosto-2017-pdf/70431-res-cne-cp-002-03072015-pdf/file>. Acesso em: 15 abr.2019.

BRASIL, F. P. D. Território e territorialidades nas políticas sociais. In: CARNEIRO, C. B. L.; COSTA, B. L. D. *Gestão Social: O Que Há de Novo?* (Vol. 1). Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2004. p. 45-66.

BRUM, Ceres. T *et al.* Perspectivas Kaingang em diálogo com as Fóg: da produção de um zine na Encontro de Saberes. Comunicação. Salão de Ensino, UFRGS. XIV. Porto Alegre: UFRGS, 2018.

CARVALHO, José Jorge. 2010. Los estudios culturales en América Latina: interculturalidade, acciones afirmativas y encuentro de saberes. *Tabula Rasa*, 12: 229-251, enero-junio.

_____. Palestra “Encontro de Saberes”, 28/01/2016, Parte II. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rUx6n3V3cXI>). Acesso em: jun. 2016a.

_____. *et al.* 2016. “The Meeting of Knowledges as a Contribution to Ethnomusicology and Music Education”. *The World of Music* (new series). 5 (1), 111-134.

_____. *Encontro de Saberes e Descolonização* – para a construção de uma universidade pluriépistêmica. 2018. Palestra realizada na Disciplina Encontro de Saberes da UFRGS, 03/09/2018. Brasília: INCTI/UnB/CNPq. (mimeo)

- CATAFESTO DE SOUZA, José Otávio; MORINICO, José Cirilo *et al.* 2008. *A Sagrada aldeia de pedra: os Mbyá-Guarani nas Missões*. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. MinC.
- DOS ANJOS, José Carlos. *No território da Linha Cruzada: a cosmopolítica afro-brasileira*. 2006. Porto Alegre: Editora da UFRGS/ Fundação Cultural Palmares.
- ENCONTRO DE SABERES. Folder impresso. Brasília: INCTI, 2014.
- ESPECIAL ENCONTRO DE SABERES. *Tucunduba: Arte e Cultura em Revista*. Universidade Federal do Pará, 5, 2016. Disponível em: <https://issuu.com/proexufpa/docs/tucunduba.n5.2016n?workerAddress=ec2-54-236-254-88.compute-1.amazonaws.com>. Acesso em: 21 abr. 2019.
- EWALD, Felipe. Outros saberes adentram o currículo. *Jornal da Universidade*, ano XX, n. 201, 2017. Disponível em: https://issuu.com/jornaldauniversidade/docs/ju_201_-_maio_2017. Acesso em: 21 abr. 2019.
- FAGUNDES, Luiz Fernando Caldas; FARIAS, João Maurício. (Orgs.). 2011. *Objetos-sujeitos: a arte kaingang como materialização de relações*. Porto Alegre: FUNAI/CR Passo Fundo/CTL Porto Alegre /Editora Deriva.
- FORPROEX. Política Nacional de Extensão Universitária. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições de Educação Superior Públicas Brasileiras. Manaus, 2012. 40p. Disponível em: http://www.proexc.ufu.br/sites/proexc.ufu.br/files/media/document//Politica_Nacional_de_Extensao_Universitaria_-FORPROEX-_2012.pdf. Acesso em: 15 abr. 2019.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 1987. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 17 ed.
- INCTI – Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa. *Encontro de Saberes nas Universidades: bases para um diálogo intepistêmico*. (Documento-base do Seminário.). 2015. Brasília: UnB.
- KUBO, Rumi Regina. 2018. Encontro de Saberes como estratégia cara à integração entre ensino, pesquisa e extensão. *Seminário de Extensão Universitária – Região Sul 36 (SEURS)*. Porto Alegre: UFRGS.

- LANDER, Edgardo (Org.). 2005. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Perspectivas latinoamericanas. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: Colección Sur Sur, CLACSO.
- NOGUEIRA, F.; MOROSINI, M. C. 2017. Educação das Relações Étnico-Raciais como Política de Descolonização dos Saberes na Universidade: Possibilidades na UFRGS. *Anais... V Seminário de Políticas Públicas da Educação Básica e Superior*. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em: http://coral.ufsm.br/seminariopoliticasegestao/2017/wp-content/uploads/2018/03/ANAIS_2017-COMPLETO.pdf. Acesso em: 21 abr. 2019.
- NOGUEIRA, F.; DOEBBER, M.; STEIN, M. A (inter)disciplina Encontro de Saberes na UFRGS como experiência intercultural: novas (mas seculares) vozes que se anunciam na universidade brasileira. *No prelo*. Comunicação. 5º Coloquio y Taller Internacional: Educación Superior y Pueblos Indígenas y Afrodescendientes en América Latina Colaboración intercultural: servicio, investigación, y aprendizajes. Buenos Aires: UNTREF, 2018.
- OLIVEIRA, Luiz; CANDAU, Vera. 2010. Pedagogia decolonial e educação antirracista decolonial no Brasil. *Educação em Revista*, 26 (1): 15-40, abr.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA – UNESCO. Relatório mundial.: *Investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural*. Relatório mundial. Paris: UNESCO, 2009. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000184755_por. Acesso em: 15 abr./04/ 2019.
- PRASS, Luciana. *Maçambiques, Quicumbis e ensaios de promessa: musicalidades quilombolas do sul do Brasil*. 2013. Porto Alegre: Sulina.
- PRASS, L.; TETTAMANZY, A. L.; KUBO, R.; STEIN, M. 2016. *Projeto para a criação da disciplina Encontro de Saberes na UFRGS*. Porto Alegre: DEMUS/IA/UFRGS.
- RIBEIRO, Djamila. 2017. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento; Justificado. 112p.
- REGO, Waldeloir. *Capoeira Angola: ensaio socio-etnográfico*. 1968. Disponível em http://www.geocities.ws/capoeiranomade4/Capoeira_Angola_ensaio_socio-etnografico

-Waldeloir_Rego.htm?fbclid=IwAR0o7XE663Vot7a9qELG_hjiwTh4JsB5FnSkp50G-8nVrDYIQuwwRt-88gPo#cap07.

SANTOS, Antônio Bispo dos. 2015. *Colonização, quilombos: modos e significações*. Brasília: INCTI.

SEEGER, Anthony. Long-Term Field Research in Ethnomusicology in the 21st-Century. 2008. *Em Pauta*, 19 (32/33): 3-20, jan. – dez.

STEIN, Marília. Etnomusicologia na contemporaneidade. 2016. *Anais... II Encontro Regional da Associação Brasileira de Etnomusicologia*. Belém: UFPA, 2016. Disponível em: <https://studylibpt.com/doc/2984982/ii-encontro-regional-da-associa%C3%A7%C3%A3o-brasileira-de---labetno>. Acesso em: 21 abr. 2019.

SILVA, Sérgio Baptista da. Dualismo e cosmologia *Kaingang*: o xamã e o dono da floresta. 2002. *Horizontes Antropológicos*, 8 (18): 189-209, dez.

TETTAMANZY, Ana Lucia *et al.* Encontro de saberes na UFRGS: em busca da comunidade perdida. 2019. *Jornal da Universidade*. Porto Alegre, 20 (196):. 2, nov. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/150154>. Acesso em: 21 abr. 2019.

TV UFRGS. *Encontro de Saberes – conhecendo a UFRGS*. Brasil. Porto Alegre: UFRGS, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FUpgsKbANpo>. Acesso em: 21 abr. 2019.

VHERÁ POTY; CHRISTIDIS, Danilo. 2015. *Os Guarani Mbyá*. Porto Alegre: Wences Design Criativo. 176p.

WALSH, Catherine. 2005. Interculturalidad, conocimientos y decolonialidad. *Signo y Pensamiento*. n. 46, v. XXIV, enero-junio.